

## UMA CIÊNCIA QUE PERTURBA

### Entrevista de Pierre Bourdieu a Pierre Thuillier<sup>1</sup>

P – Começemos pelas questões mais evidentes: as Ciências Sociais e, em particular, a sociologia, são realmente ciências? Por que você sente a necessidade de reivindicar a cientificidade?

- A sociologia me parece ter todas as propriedades que definem uma ciência. Mas em que grau? Eis a questão. E a resposta que se pode dar varia muito de acordo com os sociólogos. Eu diria apenas que há muita gente que se diz e pensa que é sociólogo e que, confesso, tenho um pouco de dificuldade em reconhecê-los como tais. Em todo caso, já faz muito tempo que a sociologia saiu da pré-história, isto é, da idade das grandes teorias da filosofia social, com a qual os leigos frequentemente a identificam. O conjunto de sociólogos dignos deste nome admitem um capital comum de aquisições, conceitos, métodos, procedimentos de verificação. Resta o fato de que, por razões sociológicas evidentes – e entre outras porque frequentemente ela desempenha o papel de disciplina refúgio – a sociologia é uma disciplina muito dispersa (no sentido estatístico do termo) e isto sob diferentes pontos de vista. O que explica porque a sociologia tem a aparência de uma disciplina dividida, mais próxima da filosofia do que das outras ciências. Mas o problema não está aí: se somos tão exigentes quanto à cientificidade da sociologia é porque ela perturba.

P – Você não foi levado a se colocar questões que são também colocadas objetivamente às outras ciências, embora os cientistas não se tenham, concretamente, colocado estas questões?

- A sociologia possui o triste privilégio de ser incessantemente afrontada quanto à questão de sua cientificidade. Somos mil vezes menos exigentes em relação à história ou à etnologia, para não falar da geografia, da filosofia ou da arqueologia. Constantemente interrogado, o sociólogo se interroga e interroga sem cessar. O que leva a crer num imperialismo sociológico: o que é esta ciência iniciante, balbuciante, que se

---

<sup>1</sup> *La Recherche*, 112, junho de 1980.

permite questionar as outras ciências? Penso, é claro, na sociologia da ciência. De fato, a sociologia apenas coloca às outras ciências, questões que são colocadas a si mesma de uma forma particularmente aguda. Se a sociologia é uma ciência crítica, talvez seja porque ela mesma se encontra numa posição crítica. A sociologia cria problemas, como se diz. Sabe-se, por exemplo, que maio de 68 lhe é imputado. Contesta-se não apenas a sua existência enquanto ciência, mas sua própria existência. Principalmente neste momento, em que algumas pessoas que, infelizmente, têm poder para conseguir isto, trabalham para destruí-la. Ao mesmo tempo em que reforçam por todos os meios a “sociologia” edificante, o Institut Auguste Comte ou o Science Po<sup>2</sup>, isto em nome da ciência, e com a cumplicidade ativa de certos “cientistas” (no sentido trivial do termo).

P – Por que particularmente a sociologia cria problemas?

- Por quê? Porque ela revela coisas ocultas e às vezes reprimidas, como a correlação entre o sucesso escolar, que se costuma identificar com a “inteligência”, e a origem social, ou melhor, o capital cultural herdado da família. São verdades que os tecnocratas, os epistemocratas, isto é, uma boa parte dos que lêem sociologia e dos que a financiam não gostam de ouvir. Outro exemplo: mostrar que o mundo científico é o palco de uma concorrência que, orientada para a busca de lucros específicos (prêmios, o Nobel e outros, prioridade de descoberta, prestígio, etc.) e assumida em nome de interesses específicos (isto é, irredutíveis aos interesses econômicos em sua forma comum e por isso percebidos como “desinteressados”), coloca em questão uma hagiografia científica da qual frequentemente participam os cientistas e da qual eles necessitam para acreditar no que fazem.

P – Concordo: a sociologia aparece como agressiva e perturbadora. Mas por que é necessário que o discurso sociológico seja “científico”? Os jornalistas também colocam questões que perturbam, mas não se consideram fazendo ciência. Por que é decisivo traçar uma fronteira entre a sociologia e o jornalismo crítico?

- Porque há uma diferença objetiva. Não é uma questão de honra. Há sistemas coerentes de hipóteses, conceitos, métodos de verificação, tudo aquilo que comumente

---

<sup>2</sup> Sciences Po – Institut des Sciences Politiques.

se liga à idéia de ciência. Conseqüentemente, porque não dizer que é uma ciência, quando é uma ciência? Tanto mais porque está em questão algo muito importante: uma das formas de se livrar de verdades perturbadoras é dizer que elas não são científicas, o que equivale a dizer que elas são “políticas”, isto é, suscitadas pelo “interesse”, pela “paixão”, e portanto relativas e relativizáveis.

P – Se colocamos a questão da cientificidade, para a sociologia, não é também porque ela se desenvolveu com um certo atraso em relação às outras ciências?

- Sem dúvida. Mas isto deveria mostrar que este “atraso” se deve ao fato que a sociologia é uma ciência especialmente difícil, especialmente improvável. Uma das maiores dificuldades consiste em que seus temas são objetos de lutas; coisas que se escondem, que se censuram, pelas quais se está pronto a sacrificar a vida. Isto também é verdade para o pesquisador, que está em jogo em seus próprios objetos. E a dificuldade particular que existe em fazer sociologia frequentemente se deve ao fato de que as pessoas têm medo daquilo que vão encontrar. A sociologia incessantemente confronta aquele que a pratica a realidades duras; ela desencanta. É por isso que, contrariamente ao que se costuma pensar, tanto interiormente quanto exteriormente, a sociologia não oferece nenhuma das satisfações que os adolescentes frequentemente procuram no engajamento político. Sob este ponto de vista, ela é inteiramente oposta às ciências chamadas “puras” que, como a arte e especialmente a música, a mais “pura” de todas, são sem dúvida, por um lado, refúgios para os quais se retiram aqueles que querem se esquecer do mundo, universos depurados de tudo que cria problemas, como a sexualidade ou a política. É por isso que, em geral, os espíritos formais ou formalistas fazem a pior sociologia.

P – Você mostra que a sociologia intervém em questões socialmente importantes. O que coloca a questão da sua “neutralidade”, de sua “objetividade”. O sociólogo pode ficar pairando por sobre a confusão geral, numa posição de observador imparcial?

- A particularidade do sociólogo é ter como objeto campos de lutas: não apenas o campo de luta de classes, mas o próprio campo das lutas científicas. E o sociólogo ocupa uma posição nestas lutas, primeiramente enquanto detentor de um certo capital,

econômico e cultural, no campo das classes; em seguida, enquanto pesquisador dotado de um certo capital específico no campo da produção cultural e, mais precisamente, no subcampo da sociologia. Ele deve ter sempre isso em mente, para tentar dominar tudo aquilo que sua prática, aquilo que ele vê e o que não vê, aquilo que ele faz e o que não faz – por exemplo, os objetos que escolhe para estudar – deve à sua posição social. É por isso que a sociologia da sociologia não é, para mim, uma “especialidade” entre outras, mas uma das condições primeiras de uma sociologia científica. Parece-me, de fato, que uma das principais causas de erro em sociologia reside numa relação incontrolada com o objeto. Ou mais exatamente, na ignorância de tudo aquilo que a visão do objeto deve ao ponto de vista, isto é, à posição ocupada no espaço social e no campo científico.

As chances de contribuir para produzir a verdade me parecem, de fato, depender de dois fatores principais que estão ligados à posição ocupada: o interesse que se tem em saber e em fazer com que se saiba a verdade (ou, inversamente, em ocultá-la e em ocultá-la de si mesmo), e a capacidade que se tem para produzi-la. Conhecemos a frase de Bachalard: “só existe a ciência do escondido”. O sociólogo está tão melhor armado para descobrir este escondido quando melhor armado cientificamente estiver, quanto melhor usar o capital de conceitos, métodos, técnicas, acumulados por seus predecessores, Marx, Durkheim, Weber e muitos outros, e quanto mais “crítico” ele for, quanto mais subversiva for a intenção consciente ou inconsciente que o anima, quanto maior interesse ele tiver em revelar o que está censurado, reprimido, no mundo social. E se a sociologia não avança mais rapidamente, como a ciência social em geral, talvez seja em parte porque estes dois fatores tendem a variar em razão inversa.

Se o sociólogo consegue produzir alguma verdade, não é apesar do seu interesse em produzir essa verdade, mas por causa do seu interesse – o que é exatamente o contrário do discurso um tanto imbecilizante sobre a “neutralidade”. Este interesse pode consistir como, aliás, sempre acontece, no desejo de ser o primeiro a fazer uma descoberta e se apropriar dos direitos que daí decorrem, ou então na indignação moral ou na revolta contra certas formas de dominação e contra aqueles que as defendem no seio do campo científico. Em suma, não existe imaculada concepção; não haveria muitas verdades científicas se tivéssemos que condenar esta ou aquela descoberta (basta pensar na “hélice dupla”) sob o pretexto que as intenções ou os procedimentos dos descobridores não eram muito puros.

P – Mas, no caso das ciências sociais, o “interesse”, a “paixão”, o “engajamento” não podem levar à cegueira, dando assim razão aos defensores da “neutralidade”?

- De fato, e é isto que faz a dificuldade particular da sociologia: estes “interesses”, estas “paixões”, nobres ou ignóbeis, só levam à verdade científica na medida em que são acompanhados de um conhecimento científico do que os determina e dos limites que impõem ao conhecimento. Por exemplo, todos sabem que o ressentimento causado pelo fracasso só torna a pessoa mais lúcida sobre o mundo social na medida em que a deixa cega em relação ao próprio princípio desta lucidez.

Mas isto não é tudo. Quanto mais desenvolvida uma ciência, mais importante o seu capital de saberes acumulados e mais as estratégias de subversão, de crítica, quaisquer que sejam suas “motivações, devem, para serem eficazes, mobilizar um saber importante. Em física, é difícil triunfar sobre um adversário recorrendo ao argumento da autoridade ou, como ainda ocorre em sociologia, denunciando o conteúdo político da sua teoria. Ali as armas da crítica devem ser científicas para serem eficazes. Em sociologia, ao contrário, toda proposição que contradiz as idéias estabelecidas, está exposta à suspeita de preconceito ideológico, de tomada de posição política. Fere interesses sociais: os interesses dos dominantes que compactuam com o silêncio e com o “bom senso” (que diz que o que é deve ser ou não pode ser de outra maneira); os interesses dos porta-vozes, dos comunicadores de massa, que necessitam de idéias simples, simplistas, slogans. É por isso que lhe pedem um número mil vezes maior de provas (o que, na realidade, é muito bom) do que pedem aos porta-vozes do “bom senso”. E cada descoberta da ciência desencadeia um imenso trabalho de “crítica” retrógrada, que tem do seu lado toda a ordem social (os financiamentos, os cargos, as honras e, portanto, a crença) e que visa reencobrir aquilo que foi descoberto.

P – Ainda há pouco, você citou ao mesmo tempo, Marx, Durkheim e Weber. Isto faz supor que suas respectivas contribuições sejam cumulativas. Mas, de fato, suas abordagens são diferentes. Como se pode conceber a existência de uma ciência única por trás desta diversidade?

- Não se pode fazer a ciência avançar, não apenas em um caso, a não ser à condição de fazer com que teorias opostas se comuniquem, teorias que muitas vezes se constituíram umas contra as outras. Não se trata de operar essas falsas sínteses ecléticas

que tanto já grassaram na sociologia. Digamos de passagem que a condenação do ecletismo frequentemente serviu de álibi à incultura: é tão fácil e confortável se encerrar numa tradição. O marxismo, infelizmente, cumpriu muito esta função de secularização perigosa. A síntese só é possível ao preço de um questionamento radical que leva ao princípio do antagonismo aparente. Por exemplo, contra a regressão vulgar do marxismo ao economicismo, que só conhece a economia no sentido restrito da economia capitalista e tudo explica por esta definição, Max Weber estende a análise econômica (no sentido generalizado) às áreas geralmente ignoradas pela economia, como a religião. Assim, numa fórmula magnífica, ele caracteriza a Igreja Omo detentora do monopólio da manipulação dos bens de salvação. Ele convida a um materialismo radical que busca os determinantes econômicos (no sentido mais amplo) em áreas onde reina a ideologia do “desinteresse”, como a arte ou a religião.

A mesma coisa com a noção de legitimidade. Marx rompe com a representação comum do mundo social mostrando que as relações “encantadas” – as do paternalismo, por exemplo – escondem relações de força. Weber parece contradizer radicalmente Marx: ele lembra que o fato de pertencer ao mundo social implica uma parte de reconhecimento da legitimidade. Os professores – eis um belo exemplo do efeito de posição – retêm a diferença. Preferem opor ao invés de integrar os autores. É mais cômodo, para construir cursos claros: 1ª parte Marx, 2ª parte Weber, 3ª parte eu mesmo... Enquanto a lógica da pesquisa leva a superar a oposição, remontando à raiz comum. Marx extraiu de seu modelo a verdade subjetiva do mundo social, à qual ele contrapôs a verdade objetiva do mundo enquanto relação de forças. Ora, se o mundo social fosse reduzido à sua verdade de relação de forças, se ele não fosse, numa certa medida, reconhecido como legítimo, as coisas não andariam. A representação subjetiva do mundo social como legítimo faz parte da verdade completa deste mundo.

P – Dito de outra maneira, você se esforça para integrar num mesmo sistema conceitual abordagens teóricas que foram separadas arbitrariamente pela história ou pelo dogmatismo.

- Na maioria das vezes, o obstáculo que impede a comunicação entre os conceitos, os métodos ou as técnicas não é lógico, mas sociológico. Os que se identificam com Marx (ou com Weber) não podem se apropriar daquilo que parece ser a sua própria negação, sem ter a impressão de se negar, de se renegar (não se deve

esquecer que para muitos se dizer marxista não é mais do que uma profissão de fé – ou um emblema totêmico). Isso vale também para as relações entre “teóricos” e “empiristas”, entre os defensores da chamada pesquisa “pura” e os da chamada pesquisa “aplicada”. É por isso que a sociologia da ciência pode ter um efeito científico.

P – Devemos concluir que uma sociologia conservadora está condenada a permanecer superficial?

- Os dominantes sempre vêm com má vontade o sociólogo, ou o intelectual que funciona como tal quando a disciplina ainda não se constituiu ou não pode funcionar, como atualmente na URSS. Eles compactam com o silêncio porque não têm nada de novo a dizer sobre o mundo que dominam e que, por isso, lhes aparece como evidente, como “óbvio”. É dizer, uma vez mais, que o tipo de ciência social que se pode fazer depende da relação que se mantém com o mundo social e portanto da posição ocupada neste mundo.

Mais precisamente, esta relação com o mundo se traduz na função que o pesquisador dá, consciente ou inconscientemente, a sua prática e que dirige as suas estratégias de pesquisa: objetos escolhidos, métodos empregados, etc. Pode-se ter como objetivo compreender o mundo social, no sentido de compreender por compreender. Pode-se, ao contrário, procurar as técnicas que permitem manipulá-lo, colocando assim a sociologia a serviço da gestão da ordem estabelecida. Para explicar melhor, um exemplo simples: a sociologia religiosa pode identificar-se com uma pesquisa pastoral tendo como objeto os leigos, os determinantes sociais da prática ou não-prática, uma espécie de pesquisa de mercado que permite a racionalização das estratégias sacerdotais de venda de “bens de salvação”; ao contrário, ela pode tomar como objeto a compreensão do funcionamento do campo religioso, do qual os leigos constituem apenas um aspecto, fixando-se por exemplo no funcionamento da Igreja, nas estratégias através das quais ela se reproduz e perpetua o seu poder – e entre as quais devem-se considerar as pesquisas sociológicas (originalmente realizadas por um cônego).

Grande parte dos que se designam como sociólogos ou economistas são engenheiros sociais que têm como função fornecer receitas aos dirigentes das empresas privadas e das administrações. Eles oferecem uma racionalização do conhecimento prático ou semi-científico que os membros da classe dominante possuem do mundo social. Os governantes atualmente necessitam de uma ciência capaz de racionalizar, no

duplo sentido do termo, a dominação, isto é, capaz ao mesmo tempo de reforçar os mecanismos de que a asseguram e de legitimá-la. É evidente que os limites dessa ciência se encontram em suas funções práticas: tanto entre os engenheiros sociais quanto entre os dirigentes da economia, ela jamais pode fazer um questionamento radical. Por exemplo, a ciência do diretor presidente de uma companhia bancária, que é grande e em alguns aspectos bem superior à de muitos sociólogos ou economistas, tem o seu limite no fato de ter como objeto único e indiscutível a maximização dos lucros da instituição. Como exemplos desta “ciência” parcial, temos a sociologia das organizações ou a “ciência política” tal como são ensinadas no Institut August Comte ou no “Sciences Po”, com seus instrumentos prediletos, como a amostragem.

P – A distinção que você faz entre os teóricos e os engenheiros sociais não coloca a ciência na mesma situação que a arte pela arte?

- De jeito nenhum. Atualmente, entre as pessoas das quais depende a existência da sociologia, cresce cada vez mais o número das que perguntam para que serve a sociologia. Na realidade, a sociologia tem mais chances de decepcionar ou de contrariar os poderes quando ela cumpre melhor sua função propriamente científica. Esta função não é a de servir a qualquer coisa, isto é, a alguém. Pedir à sociologia para servir à qualquer coisa é sempre uma forma de lhe pedir para servir ao poder. Enquanto sua função científica é compreender o mundo social, a começar pelo poder. Operação que não é neutra socialmente e que, sem dúvida alguma, preenche uma função social. Entre outras razões porque não existe poder que não deva uma parte – e não a menor delas – de sua eficácia ao desconhecimento dos mecanismos que o fundam.

P – Eu gostaria agora de abordar o problema das relações entre a sociologia e as ciências vizinhas. Você começa o seu livro *La Distinction* com esta frase: “Há poucos casos em que a sociologia se pareça mais a uma psicanálise social do que quando ela se defronta com um objeto como o gosto”. Em seguida aparecem quadros estatísticos, relatórios de pesquisa, mas também análises do tipo “literária”, como encontramos em Balzac, Zola ou Proust. Como se articulam esses dois aspectos?

- O livro é o produto de um esforço para integrar dois modos de conhecimento, a observação etnográfica, que se apóia apenas em um pequeno número de casos, e a

análise estatística que permite estabelecer regularidades e situar os casos observados no universo dos casos existentes. É, por exemplo, a descrição contrastada de uma refeição popular e de uma refeição burguesa, reduzidas a seus traços pertinentes. Do lado popular, temos o primado declarado da função que se repete em todos os consumos: deseja-se que a alimentação seja “substancial”, que ela forre o estômago, como se exige do esporte, por exemplo no culturismo, que ele dê força (os músculos aparentes). Do lado burguês, temos o primado da forma ou das formas (“estar na linha”), o que implica numa espécie de censura e repressão da função, uma estetização que se encontrará sempre, tanto no erotismo como na pornografia sublimada ou negada quanto na arte pura que se define justamente pelo fato de privilegiar a forma em detrimento da função. Na realidade, as análises chamadas de “qualitativas” ou, pior ainda, de “literárias”, são fundamentais para compreender, isto é, explicar de maneira completa o que as estatísticas apenas constataam, parecendo-se nesse aspecto com as estatísticas da pluviometria. Elas explicam o princípio das práticas observadas, nos mais diferentes domínios.

P – Voltando à minha pergunta, quais são as suas relações com a psicologia, a psicologia social, etc.?

- A ciência social ainda não parou de tropeçar no problema do indivíduo e da sociedade. Na realidade, as divisões da ciência social em psicologia, psicologia social e sociologia se constituíram, segundo minha opinião, em torno de um erro inicial de definição. A evidência da individuação biológica impede que se veja que a sociedade existe sob duas formas inseparáveis: por um lado, as instituições que podem revestir a forma de coisas físicas, monumentos, instrumentos, livros, etc.; por outro, as disposições adquiridas, as maneiras duráveis de ser ou de fazer que se encarnam nos corpos (e que eu chamo de *habitus*). O corpo socializado (aquilo que chamamos de indivíduo ou pessoa) não se opõe à sociedade: ele é uma de suas formas de existência.

P – Em outras palavras, a psicologia estaria espremida entre a biologia de um lado (que fornece os invariantes fundamentais) e de outro a sociologia (que estuda a maneira como estes invariantes desenvolvem). E que portanto está habilitada a tratar de tudo, mesmo do que chamamos de vida privada, amizade, amor, vida sexual, etc.

- Absolutamente. Contra a representação comum que consiste em associar sociologia e coletivo, é preciso lembrar que o coletivo está dentro de cada indivíduo sob a forma de disposições duráveis, como as estruturas mentais. Por exemplo, em *La Distinction* tento estabelecer empiricamente a relação entre as classes sociais e os sistemas de classificação incorporados que, produzidos na história coletiva, são adquiridos na história individual, como por exemplo os que referem ao gosto (pesado/leve, quente/frio, brilhante/fosco, etc.).

P – Mas então o que é o biológico ou o psicológico para a sociologia?

- A sociologia toma o biológico e o psicológico como um dado. E se esforça por estabelecer como o mundo social o utiliza, o transforma, o transfigura. O fato de que o homem tenha um corpo e que este corpo seja mortal, coloca problemas difíceis para os grupos. Penso no livro de Kantorovich, *Les deux corps du roi*, onde o autor analisa os subterfúgios socialmente consagrados através dos quais as pessoas se viram para afirmar a existência de uma realeza transcendente ao corpo real do rei, que é o portador da imbecilidade, da doença, da fraqueza, da morte. “O rei está morto, viva o rei”. Seria preciso refletir sobre isso.

P – Você mesmo fala de descrições etnográficas.

- A distinção entre etnologia e sociologia é tipicamente uma falsa fronteira. Como tento mostrar em meu último livro, *Les sans pratique*, trata-se de um puro produto da história (colonial) que não tem nenhuma justificativa lógica.

P – Mas não há diferenças de atitudes bem demarcadas? Na etnologia, tem-se a impressão de que o observador permanece exterior a seu objeto e que, no limite, registra as aparências cujo sentido ele desconhece. Por sua vez, o sociólogo parece adotar a perspectiva das pessoas que estuda.

- Na realidade, a relação de exterioridade que você descreve e que chamo de objetivista, é mais freqüente em etnologia, sem dúvida porque corresponde à visão do estrangeiro. Mas alguns etnólogos também entram no jogo (o jogo duplo) da participação das representações nativas: o etnólogo enfeitado ou místico. Sua

proposição poderia até mesmo ser invertida. Alguns sociólogos, porque em geral trabalham por intermédio de entrevistadores, e jamais têm contato direto com os entrevistados, são mais inclinados ao objetivismo do que os etnólogos (cuja primeira virtude profissional é a capacidade de estabelecer uma relação real com os entrevistados). Ao que se acrescenta a distância de classe, que não é menos poderosa do que a distância cultural. É por isso que, sem dúvida alguma, não há ciência mais desumana do que a que se produz em Columbia, sob a férula de Lazarsfeld, onde a distância produzida pelo questionário e pelo entrevistador interposto é duplicada pelo formalismo de uma estatística cega. Aprende-se muito sobre uma ciência, sobre seus métodos e conteúdos, quando se faz, como na sociologia do trabalho, uma espécie de descrição do cargo. Por exemplo, o sociólogo burocrático trata as pessoas que estuda como unidades estatísticas intercambiáveis, submetidas a questões fechadas e idênticas para todos. Enquanto o informante do etnólogo é um personagem eminente, visitado longamente e com quem se mantém entrevistas aprofundadas.

P – Você se opõe então à abordagem “objetivista”, que substitui realidade pelo modelo; mas também a Michelet, que queria ressuscitar, e também a Sartre, que quer apreender as significações através de uma fenomenologia que lhe parece arbitrária?

- Exatamente. Por exemplo, sabendo-se que uma das funções dos rituais sociais é dispensar os agentes de tudo que atribuímos à palavra “vivido”, nada é mais perigoso do que colocar o “vivido” onde ele não existe, por exemplo nas práticas rituais. A idéia de que não há nada mais generoso do que projetar o seu “vivido” na consciência de um “primitivo”, de uma “feiticeira” ou de um “proletário” sempre me pareceu levemente etnocêntrica. O melhor que poderia fazer o sociólogo é objetivar os efeitos inevitáveis das técnicas de objetivação que ele é obrigado a empregar – escrita, diagramas, plantas, mapas, modelos, etc. Por exemplo, em *Les sans pratique*, tento mostrar que, por não ter apreendido os efeitos da situação de observador e das técnicas que eles empregam para compreender o seu objeto, os etnólogos constituíram o “primitivo” como tal porque não souberam reconhecer nele aquilo que eles mesmo são quando param de pensar cientificamente, ou seja, na prática. As lógicas ditas “primitivas” são apenas lógicas práticas, como aquelas que usamos para julgar um quadro ou um quarteto.

P – Mas não se pode ao mesmo tempo descobrir a lógica disso tudo e consertar o “vivido”?

- Existe uma verdade objetiva do subjetivo, mesmo quando contradiz a verdade objetiva que se deve construir contra ele. A ilusão, enquanto tal, não é ilusória. Seria trair a objetividade, considerar os sujeitos sociais como não tendo representações, como não tendo experiência das realidades construídas pela ciência como, por exemplo, as classes sociais. Devemos, portanto, atingir uma objetividade mais alta, que substitui essa subjetividade. Os agentes têm um “vivido” que não constitui a verdade completa daquilo que eles fazem mas que, no entanto, faz parte da verdade da sua prática. Tomemos, por exemplo, um presidente que declara que “está encerrada a sessão” ou um padre que diz “eu te batizo”. Por que esta linguagem possui um poder? Não são as palavras que agem por uma espécie de poder mágico. O que ocorre é que, em dadas condições sociais, certas palavras têm força. Tiram sua força de uma instituição que possui sua própria lógica, os títulos, o arminho e a toga, o púlpito, a palavra ritual, a crença dos participantes, etc. A sociologia chama a atenção para o fato de que não é a palavra que age, nem a pessoa, permutável, que a pronuncia, mas a instituição. Ela mostra as condições objetivas que devem ser reunidas para que a eficácia de tal ou tal prática social seja exercida. Mas ela não pode parar aí. Ela não deve esquecer que para que isso funcione, é preciso que o ator acredite que ele se encontra no princípio de eficácia de sua ação. Há sistemas que funcionam inteiramente através da crença e não há nenhum sistema – nem mesmo a economia – que não deva uma parte do seu funcionamento à crença.

P – Do ponto de vista da ciência propriamente dita, compreendo bem a sua abordagem. Mas o resultado é que você desvaloriza o “vivido” das pessoas. Em nome da ciência, você se arrisca a tirar das pessoas a sua razão de viver. O que lhe dá o direito (se podemos falar assim) de privá-las de suas ilusões?

- Eu também me pergunto, às vezes, se não seria impossível viver num universo social completamente transparente e desencantado, que uma ciência social plenamente desenvolvida (e amplamente difundida, se isso for possível) produziria. Apesar de tudo, acredito que as relações sociais seriam muito menos infelizes se as pessoas ao menos dominassem os mecanismos que fazem com que contribuam para a sua própria miséria.

Mas talvez a única função da sociologia seja a de mostrar, tanto por suas lacunas visíveis quanto por suas aquisições, os limites do conhecimento do mundo social e dificultar, assim, todas as formas de profetismo, a começar, é claro, pelo profetismo que se apresenta como científico.